

HISTÓRIA LOCAL E AMBIENTAL COM ESTUDANTES DA PERIFERIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

LOCAL AND ENVIRONMENTAL HISTORY WITH STUDENTS FROM THE PERIPHERY OF RIO DE JANEIRO

HISTORIA LOCAL Y AMBIENTAL CON ESTUDIANTES DE LA PERIFERIA DE LA CIUDAD DE RÍO DE JANEIRO



Fabiano Cabral de Lima¹

Resumo: No ano de 2015, os estudantes do curso de História da UFRJ receberam a proposta de propostas didáticas voltadas para estudantes da educação básica, centradas na história específica do Rio de Janeiro. Uma das sugestões apresentadas consistiu na elaboração de uma linha do tempo utilizando a plataforma *Prezi* (Tsuzuki, 2016), abordando a História Ambiental da Ilha D'Água, situada na Baía de Guanabara. A Ilha D'Água e a própria baía experimentaram transformações ao longo do tempo devido ao processo de urbanização. A aplicação dessa sequência didática ocorreu com estudantes de espaços que podem ser considerados sociologicamente periféricos, e possibilitou um diálogo enriquecedor com a história local estimulando reflexões sobre sustentabilidade. Como resultado desse projeto, estudantes produziram textos que propunham projetos políticos para transformações sociais e locais. Vamos realizar uma revisão do material produzido pelos estudantes e buscar reflexões sobre as propostas dos mesmos.

Palavras-chave: Prática de ensino; Sustentabilidade ambiental; Interdisciplinaridade.

Abstract: In 2015, students from the History program at UFRJ were assigned the task of developing didactic proposals for elementary school students, focusing on the specific history of Rio de Janeiro. One of the suggested projects involved creating a timeline using the *Prezi* (Tsuzuki, 2016), platform to explore the environmental history of Ilha D'Água, located in Guanabara Bay. Both Ilha D'Água and the bay itself



have undergone transformations over time due to urbanization. The implementation of this didactic sequence took place with students from sociologically peripheral areas, fostering an enriching dialogue with local history and encouraging reflections on sustainability. As a result of this project, students wrote letters proposing political initiatives for social and local transformation. In this study, we will analyze the materials produced by the students and reflect on their proposals.

Keywords: Teaching practice; environmental sustainability; Interdisciplinarity.

Resumen: En 2015, los estudiantes del programa de Historia de la UFRJ recibieron la tarea de desarrollar propuestas didácticas dirigidas a estudiantes de educación básica, con un enfoque en la historia específica de Río de Janeiro. Una de las propuestas sugeridas consistió en la elaboración de una línea de tiempo utilizando la plataforma *Prezi* (Tsuzuki, 2016), abordando la historia ambiental de la Isla D'Água, ubicada en la Bahía de Guanabara. Tanto la Isla D'Água como la bahía han experimentado transformaciones a lo largo del tiempo debido al proceso de urbanización. La implementación de esta secuencia didáctica se llevó a cabo con estudiantes de áreas sociológicamente periféricas, lo que permitió un diálogo enriquecedor con la historia local y fomentó reflexiones sobre la sostenibilidad. Como resultado de este proyecto, los estudiantes redactaron cartas en las que proponían iniciativas políticas para la transformación social y local. En este estudio, analizaremos el material producido por los estudiantes y reflexionaremos sobre sus propuestas.

Palabras clave: Práctica docente; sostenibilidad ambiental; interdisciplinariedad.



ARTIGO

Introdução

No ano de 2015, foi proposta uma pesquisa aos estudantes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mais especificamente aos alunos da disciplina Didática Especial e Prática de Ensino de História. Esta pesquisa envolveu a criação de sequências didáticas sobre a História Local da Cidade do Rio de Janeiro, apresentados por meio de uma linha do tempo interativa digital, nas quais os estudantes escolhiam em grupos quais plataformas seriam utilizadas.

Um dos trabalhos desenvolvidos nesta pesquisa teve como foco a utilização de um material construído por alunos em linha do tempo digital na plataforma *Prezi* (Tsuzuki, 2016), e o tema escolhido foi uma História Ambiental da Ilha D'Água, localizada na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro (Costa *et al*, 2016; Lima, 2016; Costa, Tavares, 2016). A Ilha D'Água passou por transformações significativas em sua paisagem desde a sua concessão à Petrobrás nos anos 1950, refletindo mudanças semelhantes na paisagem da Baía de Guanabara ao longo do tempo, influenciadas pela instalação de indústrias e pelo crescimento urbano nas cidades vizinhas (*Imagem 1*).

Imagem 1: Ilha D'Água antes da criação da Petrobrás



Fonte: Torres (2021).

ARTIGO

A aplicação dessa sequência didática em sala de aula, especialmente com estudantes da periferia da cidade do Rio de Janeiro, proporcionou reflexões sobre a conscientização ambiental e a preservação da Baía de Guanabara. Tendo em vista que são locais que estão no entorno da Baía, e que por muito tempo seus habitantes dependiam da pesca na região, mas a poluição impactou negativamente a economia dessa área, como discutido por Sedrez (2004) e Ferreira (2011).

A criação da Petrobrás e a transformação da Ilha D'Água no atual terminal petrolífero (imagem 2) na Baía de Guanabara, estão ligadas à história do desenvolvimento industrial e econômico do Brasil. A Petrobrás (Petróleo Brasileiro S.A.), foi fundada em 1953 como uma empresa estatal com o objetivo principal de explorar, produzir e refinar petróleo no País (Maranhão, 2017). Esse empreendimento representou um marco na busca por autonomia energética e no aproveitamento dos recursos naturais do Brasil, mas teve também seus efeitos perversos (Costa *et al*, 2016).

Imagem 2. A Ilha D'Água atualmente é um Terminal Petrolífero da Petrobrás



Fonte: Baravelli (2017).

Na década de 1950, a Ilha D'Água, localizada na Baía de Guanabara, teve seu destino alterado com a concessão da área para o empreendimento que se tornou a Petrobrás. Essa decisão foi estratégica, pois permitiu à empresa estatal expandir suas operações, estabelecendo na ilha instalações para o armazenamento e transporte de petróleo. Ao longo dos anos, a Ilha D'Água foi transformada para atender às demandas logísticas da Estatal petrolífera, tornando-se um terminal petrolífero. A ilha é um ponto importante

nas operações de transporte marítimo e distribuição de produtos derivados de petróleo (Costa *et al.*, 2016; Monteiro, 2003). Monteiro (2003) em sua pesquisa sobre impactos ambientais presentes na Baía de Guanabara desde a criação da Petrobrás, cita 16 (dezesseis) acidentes químicos envolvendo dutos de combustível que passam pela Ilha D'Água desde que a petrolífera se estabeleceu no local nos anos 1950.

O terminal petrolífero da Ilha D'Água, situado na Baía de Guanabara, desempenha um papel de destaque na cadeia de produção e distribuição da Petrobrás, contribuindo para o abastecimento energético do País. As atividades desenvolvidas nesse terminal incluem o recebimento de petróleo bruto, seu armazenamento temporário e subsequente distribuição por meio de navios-tanque para diferentes destinos. Essa infraestrutura é fundamental para garantir o suprimento contínuo de combustíveis e derivados da *commodity* explorada, apoiando setores essenciais da economia brasileira.

A trajetória da Petrobrás e a transformação da Ilha D'Água em terminal petrolífero refletem a importância estratégica do setor de petróleo e gás para o desenvolvimento nacional. No entanto, é importante considerar também os impactos ambientais e sociais associados a essas atividades, promovendo práticas sustentáveis e medidas de preservação ecológica para equilibrar o progresso econômico com a responsabilidade ambiental e patrimonial.

A abordagem do espaço geográfico e ambiental por meio de mapas, fotos e reportagens no *Prezi* (Tsuzuki, 2016), incentivou os estudantes a refletirem sobre a importância da preservação ambiental e a sustentabilidade, questionando a utilização dos espaços sociais com o mínimo de impacto possível. Além disso, a aula foi estendida a professores de Português, História e Geografia, sendo ministrada para estudantes de escolas do entorno da Baía de Guanabara, entre os anos de 2016 e 2017.

Este estudo baseia-se metodologicamente na análise documental de materiais produzidos por estudantes a partir das discussões geradas pela sequência didática sobre os impactos ambientais e patrimoniais na história e memória local. A abordagem adotada está em consonância com as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e com as exigências legais relacionadas à educação ambiental (Brasil, 1999; Brasil, 2012a; Brasil, 2012b). O objetivo é demonstrar como o ensino de história local pode ser articulado ao contexto da história ambiental da Baía de Guanabara, integrando-se às diretrizes da BNCC e possibilitando uma maior conexão dos estudantes com seu território.

Foram realizadas aulas utilizando a sequência didática (Costa *et al.*, 2016; Lima, 2016) em instituições públicas e privadas em bairros periféricos no entorno da baía de Guanabara, entre os anos de 2016 e 2017, como oficinas de História Local, onde indivíduos a partir de memórias, constroem localmente narrativas históricas (Barros,

ARTIGO

2012; Bittencourt, 2009; Monteiro; Gabriel; Martins, 2016), realizando uma ligação com a História Ambiental, defendida e justificada como importantes por Carola (2009, p. 175):

A crise ambiental do mundo global do século XXI revela as contradições eco destrutivas da racionalidade moderna que, no limite, colocam em risco a própria vida no planeta Terra. A consciência da dimensão global da crise ambiental impôs um desafio de vida ou morte para as gerações do século XXI, um desafio que nos obriga a pensar e agir de modo radicalmente diferente.

A oficina ministrada por professores de História, Geografia e Português em conjunto, consta da apresentação do material construído por estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Costa, *et al.*, 2016; Costa; Tavares, 2016; Lima, 2016), onde são discutidas as transformações da Ilha D'Água, antes e depois da instalação de uma petroquímica no local. Esta ilha faz parte da memória coletiva dos moradores das Ilhas da Baía de Guanabara, acidentes geográficos estes, que fazem parte da Subprefeitura das Ilhas, na Cidade do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 2023).

Nesta sequência didática (Costa *et al.*, 2016; Lima, 2016), é possível através de imagens ter uma comparação da natureza da baía de Guanabara antes da ação humana e depois. Essas ações humanas no meio ambiente marinho, são referenciadas dentro da sequência didática por fotos, filme, e textos acadêmicos, como por exemplo a tese de doutorado da historiadora Lise Sedrez (2004), que discute os impactos ambientais, questões patrimoniais e políticas com os aterros e poluição local.

Após a aula e discussão das questões ambientais sobre o território marinho, dialogando sobre a importância da preservação do patrimônio, e em específico, da Ilha D'Água, os estudantes elaboraram textos de redação com propostas de intervenção políticas, mediadas pelos professores, expressando suas conclusões e soluções para a sustentabilidade e preservação ambiental local. As produções originais foram preservadas pela pesquisa, pelo anonimato dos estudantes, e assim, serão apresentadas transcrições dessas produções para leitura neste artigo.

O autor deste artigo é um professor que vivenciou esta pesquisa, a elaboração da sequência didática e as aulas em escolas sobre esse material. Mora e se reconhece como favelado, morador e trabalhador de espaço periférico na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, o reconhecimento espacial e do local é parte do seu cotidiano, de seu lugar de fala. O conceito de “lugar de fala” foi teorizado principalmente pela filósofa brasileira e escritora Djamila Ribeiro (2017). A autora discute a importância do reconhecimento das diferentes experiências e perspectivas de grupos historicamente marginalizados, destacando a necessidade de dar voz e validação às vivências desses grupos.



O termo “lugar de fala” é usado para enfatizar a posição social, cultural e histórica a partir da qual alguém fala e como essa posição influencia a compreensão do mundo. Mundo este, que é vivenciado pelo autor, que reconhece que: se não fosse o patriarcado colonizador no passado, o mesmo não teria as suas ancestralidades africanas e indígenas, vítima de diásporas que fizeram a sua presente família chegar até o atual espaço de seu nascimento, moradia, trabalho e convivência.

Assim, a proposta do presente artigo dialoga com o protagonismo e a apropriação ativa que os educandos desenvolvem no processo de aprendizagem, permitindo uma construção autônoma do conhecimento, observando os seus próprios lugares onde vivem os seus cotidianos. Essa abordagem estimula a criticidade, a criatividade e a participação ativa, como será realizada a partir da discussão dos textos que foram desenvolvidos pelos estudantes e serão divulgados aqui.

História Local da Baía de Guanabara, Questões Ambientais e a Base Nacional Comum Curricular

A metodologia deste trabalho consta de análise documental de materiais produzidos por estudantes a partir de uma provocação gerada pela apresentação da sequência didática e discussões sobre os impactos ambientais e questões patrimoniais na história e memória local. Discutir o meio ambiente e a sustentabilidade estão entre as habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e em demandas de leis.

O objetivo deste artigo é mostrar como é possível aliar o ensino de história local, ao contexto de história ambiental da Baía de Guanabara, alinhando-se com propostas que estão na BNCC, utilizada em planos didáticos por professores. Ao explorar as particularidades históricas e ambientais dessa região, os estudantes não apenas se conectam mais profundamente com seu território, mas também desenvolvem habilidades previstas na BNCC. É também uma demanda de lei, a educação ambiental nas escolas (Brasil, 1998; Brasil, 2012a; Brasil, 2012b).

A Baía de Guanabara, marcada por uma História com desafios ambientais, oferece um cenário ideal para a compreensão da interação entre sociedade e meio ambiente ao longo do tempo. O estudo da história local proporciona aos estudantes uma visão contextualizada das transformações ocorridas na região, desde os eventos históricos que a moldaram, até as questões ambientais contemporâneas que exigem soluções sustentáveis.

Ao integrar esses temas (História ambiental e local) ao currículo, os educadores e educandos promovem a valorização da identidade local e o entendimento das relações entre passado e presente do território. A BNCC entre as competências,

relata possibilidades de desenvolver o senso crítico e a consciência cidadã, objetivos que podem ser alcançados ao explorar a história local como uma ferramenta para promover a compreensão das implicações sociais, econômicas e ambientais que estão no cotidiano dos estudantes.

Além disso, a abordagem das questões ambientais vinculadas à Baía de Guanabara permite que os estudantes se engajem ativamente em discussões sobre sustentabilidade, contribuindo para a formação de indivíduos conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente. Por isso, optamos pelo registro escrito, em formato de redação pelos estudantes, para obter um engajamento em sala de aula a partir de uma proposta de intervenção política, pensada e refletida pelo próprio estudante. Na BNCC é relatada a necessidade de desenvolver competências socioemocionais, e a conexão com a história local pode ajudar na construção responsabilidade ambiental. A BNCC, apesar dos problemas políticos na sua construção, tais como tentativas de apagamento de debates democráticos com professores e educadores (Costa, Silva, 2019; Peroni, Caetano, Lima, 2017), pode ser uma orientação para professores formularem os seus planos de aula, claro, que, com as suas possíveis leituras críticas.

A BNCC estabelece competências gerais que abordam temas de educação ambiental e história local nas áreas de Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Dentre essas competências, destacam-se:

Ciências Humanas:

- i.i. Competência Geral 6: Reconhecer e valorizar a diversidade étnico-racial, de gênero, orientação sexual, religiosa, geracional e de identidades, considerando os direitos humanos como fundamentais para a democracia e a justiça.
- i.ii. Competência Específica 1: Analisar e comparar diversos processos históricos de transformação de espaços em diferentes culturas e períodos, identificando ações humanas e impactos socioambientais.
- i.iii. Competência Específica 8: Analisar as relações socioeconômicas e culturais de diferentes grupos, confrontando-as com noções de democracia, cidadania e justiça para ampliar a compreensão da realidade.

Ciências da Natureza:

- ii.i. Competência Geral 4: Utilizar conhecimentos das Ciências da Natureza para entender e intervir no mundo, preservar o meio ambiente, melhorar a qualidade de vida e promover a saúde.
- ii.ii. Competência Específica 4: Compreender as relações entre Ciências da Natureza e Ciências Humanas para promover uma compreensão integral do ambiente, saúde, tecnologia e sociedade.
- ii.iii. Competência Específica 8: Analisar e avaliar os impactos ambientais

decorrentes da produção, transporte, consumo, descarte de materiais e geração de energia, propondo medidas de intervenção ou prevenção. (Brasil, 2018, s/p)

Essas competências destacam a importância de integrar a história local e a educação ambiental, proporcionando uma compreensão das interações entre sociedade, cultura, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

De acordo com Bondía (2002) há uma importância da reflexão sobre a experiência como um meio fundamental para transformá-la em conhecimento significativo. Nesse contexto, professores podem se beneficiar ao refletir sobre suas práticas pedagógicas, interações com estudantes e desafios enfrentados em sala de aula, desenvolvendo assim um saber mais profundo e informado sobre o processo educacional. Este artigo parte de uma experiência em sala de aula, e a partir desta experiência, compartilhar conhecimento e reflexões para outras possíveis práticas no ensino de História, interseccionando com outras disciplinas afins pelo debate da educação ambiental, patrimonial, museal e ambiental.

Em “Futuro Ancestral” de Ailton Krenak (2022), podemos refletir sobre a relação entre sociedade, natureza e o legado de sociedades originárias no Brasil. O autor aborda a colonização e as consequências ambientais para a nossa ancestralidade. Krenak (2022) critica o modelo de desenvolvimento atual e propõe uma reconexão com práticas sustentáveis e respeito à diversidade cultural. Existe uma urgência em valorizar conhecimentos ancestrais para enfrentar desafios contemporâneos, e por uma educação antirracista e valorizando o estudo oral sobre a nossa ancestralidade. Há relatos que as Ilhas da Baía de Guanabara foram ambientes de ancestralidade de povos indígenas, principalmente de aldeias Termiminós (Vargas, 2008). As aulas de História em sala de aula ainda preservam a oralidade ancestral, mesmo no materialismo presente. Os textos dos estudantes são registros das suas argumentações após uma provocação sobre questões ambientais locais, levando-os a conexão ancestral dos primeiros ocupantes da Ilha localizada na Guanabara, ou do Tupi, variante de *guanãpará* (*gua*: enseada; *nã*: semelhante; *pará*: mar), “enseada semelhante ao mar” (Bueno, p. 539). Pois o registro como prática pedagógica é importante para reflexões sobre a aprendizagem coletiva, desde o estudante até o professor (Freire, 1983).

Educação na Periferia, Teorias.

Um estudo de D’Andrea (2020) problematiza os significados históricos do termo/conceito periferia, esboçando algumas definições a partir do uso realizado pelos próprios moradores. Este estudo sugere que os habitantes dessas áreas são subjetividades políticas, móveis e psíquicas com graus variados de interdependência,

ARTIGO



coprodução e incompletude. O trabalho de D'Andrea (2020) referência o Racionais MC's como exemplo de apropriação do termo “periferia” pelos próprios artistas periféricos, que definem este termo para o próprio lugar onde a repressão policial, racismo e miséria estão interseccionados com diferença dos lugares não periféricos que são os espaços com maior socioeconômico. Os lugares não periféricos são espaços aonde a maioria das pessoas são brancas e tem acesso aos serviços, como a educação, que na periferia é escasso de oportunidades, isso descrevendo um cenário dos anos 1990. Em conclusão, o trabalho de D'Andrea depois de uma análise qualitativa desenha que o cidadão periférico é quem está na margem do alcance dos serviços de saúde, educação, emprego e desigualdade financeira entre seus habitantes.

Outro estudo (Soto, 2008) entende a periferia como o lugar a partir do qual se pode interrogar a questão social no espaço urbano. Este lugar expressa, de forma agudizada, a crise urbana e o processo recente de precarização social e das desigualdades sociais nessas cidades. Sugere que a periferia representa o ser dividido entre o urbano e o propriamente rural. Este estudo argumenta que a noção de periferia é carregada de um sentido social que varia em função dos contextos ou de condicionantes culturais, sociais e políticos.

O conceito de periferia é frequentemente aplicado a áreas urbanas que se encontram nos arredores das regiões centrais das cidades, muitas vezes caracterizadas por condições socioeconômicas e urbanísticas distintas (Soto, 2008). Nesse contexto, tanto o subúrbio quanto a favela podem ser categorizados como periferia, embora cada um apresente características e contextos específicos.

O subúrbio é frequentemente entendido como uma variação da periferia, um pouco mais urbanizada (Soto, 2008). Este conceito é frequentemente associado a áreas que são parte integrante dos centros urbanos complexos, mas que representam a fragmentação e o caos urbano (Soto, 2008). O subúrbio carioca, por exemplo, é frequentemente associado a bairros da cidade do Rio de Janeiro que são atravessados pelas linhas de trem e simbolicamente distantes do que seria o “centro” (Guimarães; Davies, 2018).

A favela, por outro lado, é um fenômeno urbano encontrado nas periferias de grandes metrópoles, como São Paulo ou Rio de Janeiro (Dantas; Micheli, 2021). Apesar da dificuldade de acesso a bens básicos, como saúde, segurança, cultura e educação, a favela também é um espaço fértil que nutre sentimentos de pertencimento, solidariedade e resistência em seus moradores (Dantas; Micheli, 2021). A favela é vista como um território marginal, que se opõe a uma noção de centro (Patrocínio, 2017).

Ambos, subúrbio e favela, são categorizados como periferia devido à sua localização geográfica, condições socioeconômicas e urbanísticas, e a forma como são percebidos e representados na sociedade. No entanto, é importante ressaltar que esses conceitos



ARTIGO



não são estáticos, mas estão em constante evolução e redefinição à medida que as cidades e as sociedades mudam. Os espaços onde foram realizadas as aulas e aplicação do *Prezi* (Tsuzuki, 2016), sobre a História Local da Ilha D'Água e a Baía de Guanabara, são estes bairros periféricos, do subúrbio do Rio de Janeiro e favelas, sendo que algumas escolas localizadas nestes espaços, por questões de Estado, estão abaixo da média do Índice de Desenvolvimento Econômico (IDH/IBGE) da Cidade do Rio de Janeiro. São locais onde escolas são estratificadas e hierarquizadas por prestígio e desempenho (Costa; Prado; Rosistolato, 2012).

A importância da educação ambiental sobre a Baía de Guanabara, especialmente nas áreas periféricas do Rio de Janeiro, é importante para promover a conscientização, a preservação e o desenvolvimento sustentável. A Baía de Guanabara, apesar de sua beleza natural, enfrenta desafios humanos, incluindo a poluição, a degradação ambiental e as consequências do crescimento urbano e da escassez de políticas públicas de preservação ambiental e de patrimônio (Sedrez, 2004).

Nas regiões periféricas do Rio de Janeiro, a educação ambiental desempenha um papel importante na conexão das comunidades locais com a Baía de Guanabara. Ao sensibilizar os moradores sobre a importância da preservação desse ecossistema, a educação ambiental contribui para que os estudantes sejam politicamente conscientes com a sustentabilidade (Medeiros; Ribeira; Ferreira, 2011).

A Baía de Guanabara não é apenas um recurso natural, mas também um elemento central na vida dessas comunidades, historicamente ligadas à pesca e outras atividades que dependem do ecossistema local. A educação ambiental direcionada à Baía não apenas deve abordar questões ecológicas, mas promover um aprofundamento com questões originárias e também discutir os problemas que o capitalismo gera ambientalmente e socialmente.

Além disso, considerando o contexto periférico, a educação ambiental pode desempenhar um papel na mitigação dos impactos sociais e econômicos causados pela degradação ambiental. Ao capacitar os moradores com conhecimentos sobre práticas sustentáveis, gestão de resíduos e a importância da conservação, a educação ambiental contribui para a construção de discussões sobre a proteção do meio ambiente e patrimônio. É importante se conscientizar também de forma crítica, sobre a degradação do meio ambiente, proporcionada pelo capitalismo industrial. A Baía de Guanabara, portanto, está presente no cotidiano dos estudantes, por morarem ao redor do espaço, sendo um recorte da História Local e cultural de onde os mesmos habitam (Castro, 2010) e por isso é importante para educação sobre a cultura, patrimônio e história local dos mesmos.

A Baía de Guanabara é um patrimônio ambiental e cultural que precisa ser preservado para as gerações futuras, e investir em propostas educacionais ambientais nas áreas



periféricas é uma estratégia para promover a participação ativa dos estudantes dessas áreas na preservação desse ecossistema, garantindo um equilíbrio sustentável entre o desenvolvimento urbano e a conservação ambiental (Castro, 2010; Medeiros, Ribeira, Ferreira, 2011).

Análise das Produções dos Estudantes

Examinamos a seguir, uma transcrição dos textos gerados pelos estudantes, mantendo preservadas as identidades dos mesmos. Esses textos apresentados aqui neste artigo foram recortados de redações escritas pelos estudantes, onde os mesmos escreveram e enviaram para avaliação de professores de Português. Os textos presentes aqui não passaram por alterações, para assim preservar a escrita dos mesmos. Por isso, utilizamos o termo *transcrição* para definir como foi exportado das folhas de redação, produzidas pelos estudantes, para dentro deste artigo.

Texto de Redação: A poluição é causada pelo petróleo. O Petróleo foi jogado pelos canos que foram destruídos o meio ambiente. O Petróleo vazou e matou os peixes. Os Pescadores perderam o emprego. A Construção de canos mais resistentes poderia evitar vazamentos. (Estudante A)

Estudante A, com 12 anos de idade, abordou em seu texto a questão da manutenção dos dutos que transportam petróleo da Reduc (Refinaria Duque de Caxias) até a Ilha D'Água. Notamos que o Estudante "A" focalizou a problemática dos vazamentos de petróleo ocorridos no passado na Baía de Guanabara, conforme exemplificado no Prezi (Tsuzuki, 2016).

Texto de Redação: Impedindo construções de indústrias, bairros em volta das praias da baía de Guanabara, criando leis para evitar a poluição e tornando medidas para melhorar a vida das pessoas que frequentam as praias, melhorar as pescas. (Estudante B)

Estudante B, com 15 anos. Demonstrou sensibilidade em relação à problemática ambiental relacionada à poluição das praias e da água da Baía de Guanabara, reconhecendo os prejuízos para os pescadores e o afastamento dos banhistas.

Texto de Redação: Podemos também ter uma solução para a despoluição, como exemplo, menos lixo. A Petrobrás devia também ajudar na despoluição, pois querendo ou não causaram isso. (Estudante C)

Estudante C, de 16 anos, atribui parte da responsabilidade pela poluição da Baía de

Guanabara à Petrobrás e critica também o descarte de lixo no local.

Texto de Redação: Bom, não basta apenas criticar, temos que de alguma forma ajudar a nossa “cidade maravilhosa”, com soluções simples e eficientes, o que será um desafio. Para uma cidade limpa e saudável, precisamos, antes de projetos e essas coisas que todos acham que funcionam, de uma população consciente, se evidenciássemos ainda mais essa questão da população, já seria um ótimo início, assim afetaríamos uma boa parte da população; trabalhos comunitários envolvendo a população seria uma ótima ideia, afinal, não é só a periferia que tem que se dedicar a cidade. (Estudante D).

Estudante D, com 14 anos, sugere que o trabalho comunitário voltado para a conscientização pode representar uma das soluções para promover uma harmonização saudável entre a urbanização e o meio ambiente.

Texto de Redação: Podemos ver então, que o caso da Baía de Guanabara ainda demorará para ser resolvido. As consequências geradas pela urbanização descontrolada ainda irão persuadir durante muito tempo, mesmo que uma decisão seja tomada agora. (Estudante E).

Estudante E tem 14 anos de idade e mostra que ações imediatas não geram um impacto direto na situação da Baía de Guanabara, e que ações não tomadas agora, terão impactos no futuro.

Estudante E, de 14 anos, destaca que intervenções imediatas não produzem efeitos instantâneos na condição da Baía de Guanabara. Ressalta ainda que a ausência de ações neste momento poderá acarretar problemas no futuro do ecossistema local.

Texto de Redação: Por isso devemos repensar mais sobre esse processo de Globalização, pois temos que nos conscientizar para que o processo de globalização seja benéfico tanto para o ser humano, quanto para o meio ambiente, pois é importante também manter o equilíbrio no planeta terra. (Estudante F).

Estudante F, com 14 anos expressa preocupação com a globalização no contexto da industrialização não sustentável, observando seus impactos no meio ambiente marinho.

Texto de Redação: Todo o lixo jogado nos 50 rios que desaguam na baía intensifica a poluição, o que traz a morte de tartarugas-marinhas e milhares de peixes, diminuindo assim, a quantidade de espécies no local (os que ainda se mantem são verdadeiros sobreviventes) (Estudante G).

Em seu texto, Estudante G destaca o lixo como uma ameaça à sobrevivência dos ecossistemas. Além disso, o texto aborda problemas econômicos decorrentes da falta de utilização sustentável do lixo. Sua idade é 14 anos de idade.

Texto de Redação: Às vésperas do início dos jogos olímpicos, a Baía de Guanabara, que foi o lugar escolhido para competições aquáticas, como a canoagem e vela, tem lixo acumulado e água contaminada, tornando-se motivo de preocupação, para a saúde dos competidores. A grave situação da Baía é um exemplo de como a urbanização não planejada, e a má gestão de resíduos podem comprometer ecossistemas importantes, colocando em risco um lugar que, é mais do que um ponto turístico, é parte da memória do Rio de Janeiro, e onde vive e trabalha toda a população ligada à esta região. (Estudante H)

Estudante H expressa uma preocupação global com questões ambientais, especialmente devido aos Jogos Olímpicos Rio 2016, quando houve um debate internacional sobre a poluição no principal local de competições aquáticas no Rio de Janeiro. Faz uma crítica negativa à gestão histórica de governo, sobre o tratamento de resíduos poluentes e à urbanização não planejada, causada pela falta de políticas de habitação de governos voltadas para pessoas pobres. À estas pessoas, restam a ocupação de espaços como forma de resistência de moradia. Não há uma culpabilidade sobre os indivíduos, mas sim ao governo que não cumpre com os direitos humanos dessas pessoas. A conscientização social, ambiental e o planejamento urbano são abordados como pontos centrais de seu debate sobre a utilização econômica da Baía de Guanabara. A sua idade é 14 anos.

Texto de Redação: É importante ver como a Ilha D'Água mudou, antes era um paraíso na Baía de Guanabara e hoje é uma ilha de metal. Imagina o quanto poderia ser arrecadado com turismo se esta ilha fosse preservada como era antes. Precisava mesmo desmatar? Naquela época já existia tecnologia para construção de uma plataforma na água. Penso nas pessoas que moravam lá, e nos animais. (Estudante I)

Estudante I, de 15 anos de idade, escreveu um texto em primeira pessoa, questionando o ambiente de antes e o que se transformou depois. Percebe-se a alteridade na escrita, se colocando no lugar dos moradores históricos da Ilha.

Conclusões

A linha do tempo em *Prezi* (Tsuzuki, 2016), foi apropriada pelos estudantes dos cursos e debatida. Em seus textos de redação, estudantes mostraram absorção do

ARTIGO

conteúdo de aula abordando o problema ambiental da Baía de Guanabara.

O fator que chamou a atenção nos textos é a preocupação sobre as indústrias químicas na baía e os acidentes ocorridos ao longo do tempo, sendo resultantes da globalização e do crescente mercado industrial de forma não sustentável, produzindo lixo ou acidentes químicos presentes de forma majoritária nos textos.

Estudantes abordam diversas preocupações ambientais relacionadas à Baía de Guanabara em seus textos. Estudante A, de 12 anos, destaca a problemática dos vazamentos de petróleo e sugere a construção de dutos mais resistentes. Estudante B, de 15 anos, propõe impedir construções industriais próximas às praias, criar leis contra a poluição e implementar medidas para beneficiar os frequentadores das praias e pescadores.

Estudante C, de 16 anos, responsabiliza a Petrobrás pela poluição da baía e critica o descarte de lixo. Já Estudante 1, com 14 anos, sugere o envolvimento da comunidade por meio de trabalhos comunitários para conscientização como uma solução.

Estudante D, também com 14 anos, alerta que ações imediatas não geram impacto instantâneo na situação da baía, e a falta de ações agora resultará em impactos futuros. Estudante 3, da mesma idade, expressa preocupação com a globalização e seus impactos na industrialização não sustentável.

O Estudante E, de 14 anos, destaca o lixo como uma ameaça à sobrevivência dos ecossistemas e aborda os problemas econômicos derivados da falta de uso sustentável do lixo. Estudante 5, de 14 anos, traz à tona a poluição da Baía de Guanabara às vésperas dos Jogos Olímpicos, enfatizando a necessidade de planejamento urbano e gestão adequada de resíduos para preservar o ecossistema. Já com Estudante F, observamos um encontro com a alteridade com moradores históricos locais. Por fim, Estudantes G, H e I mostram preocupações com populações que estão nestes espaços.

Os estudantes tiveram contato com a História Local, que de acordo com Costa et al. (2016, p. 276):

sem a compreensão da história local, daquilo que lhe toca de forma mais próxima, o aluno terá maior dificuldade na contextualização de eventos mais longínquos, ainda que o afetem se considerados na sua temporalidade.” Neste trecho, os autores demonstram a necessidade de diálogo dos alunos com a história local para que os mesmos compreendam o presente que eles vivenciam, na problematização da sua sociedade, ou local que os mesmos habitam.

O diálogo acerca do meio ambiente ocorre de maneira interdisciplinar, utilizando contextos e abordagens compartilhados entre diferentes ciências e linguagens.

Essa abordagem é uma demanda que estava prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e que atualmente está em discussão para inclusão na Base Nacional Comum Curricular. Os textos com propostas de intervenção, foram construídos pelos estudantes a partir do lugar de fala dos mesmos (Ribeiro, 2017), com o despertar da crítica após as provocações com a sequência didática.

A discussão sobre a educação ambiental nas escolas públicas foi tema de debate por Medeiros, Ribeiro e Ferreira (2011). Essas autoras argumentam que a educação ambiental deve ser encarada como um exercício para a cidadania, ressaltando a importância da conexão entre escolas e comunidades para promover mudanças no comportamento humano.

Vale destacar que os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996) que abordam a educação ambiental na educação básica foram excluídos na última atualização em 2017. Este tema está na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), e também é uma demanda de lei pela Política Nacional de Educação Ambiental e pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1998; BRASIL 2012a; BRASIL, 2012b).

Referências

- BARAVELLI, Diego. *Vista aérea da Ilha D'Água com o terminal da empresa Transpetro*. Rio de Janeiro: Wikimedia Commons. 2017. Fotografia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Transpetro_-_Ilha_D%27%C3%81gua_by_Diego_Baravelli.jpg. Acesso em: 16 mar. 2025.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. *Revista Principia*, João Pessoa, v. 1, n. 21, p. 64–74, 2012. DOI: 10.18265/1517-03062015v1n21p64-74.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009. 206 p.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 14, de 6 de junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 jun. 2012a.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 jun. 2012b.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Ano: 1996. acesso em: 16 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 16 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.

BUENO, Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani – Português*. São Paulo: Brasilivros, 1986.

CAROLA, Carlos Renato. Meio ambiente. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de história*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, p. 173-200.

CASTRO, Magali. Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural. *Pedagogia em ação*, Serra, ES, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010.

COSTA, Albaine Farias da; TAVARES, Luisa da Fonseca. O Rio de Janeiro em foco: pensando a formação de professores de História por meio da produção de materiais didáticos digitais. In: GABRIEL, Carmen Teresa; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim (org.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2016, v. 1, p. 167-186.

COSTA, Marcella Albaine Farias da *et al.* Excogitando a proposta de linha do tempo interativa no ensino de história: o caso da Ilha d'Água e seus diálogos com as Histórias Ambiental, Patrimonial e Local. *Revista Poder e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 268-292, jan./jun. 2016.

COSTA, Marcio da; PRADO, Ana Pires do; ROSISTOLATO, Rodrigo. “Talvez se eu tivesse algum conhecimento...”: caminhos possíveis em um sistema educacional público e estratificado. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 165-193, jun. 2012.

COSTA, Marilda de Oliveira; SILVA, Leonardo Almeida da. Educação e democracia: Base Nacional Comum Curricular e novo ensino médio sob a ótica de entidades acadêmicas da área educacional. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-23, 2019.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos estudos Cebrap*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, jan. 2020.

DANTAS, João Gabriel Trajano; De MICHELI, Denise. A favela onde moro: o território sob a perspectiva dos jovens. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, p. 2769-

2782, 2021.

FERREIRA, Jamylle de Almeida. Precarização da pesca artesanal e reprodução do espaço na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). *Revista Geográfica de América Central*, Heredia, v. 2, p. 1-16, jul./dic. 2011. Número Especial.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. Alegorias e deslocamentos do "subúrbio carioca" nos estudos das ciências sociais (1970-2010). *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 457-482, 2018.

LIMA, Fabiano Cabral de. Empregando a proposta de linha do tempo interativa no ensino interdisciplinar - a urbanização e o meio ambiente: perspectivas e expectativas sobre a baía de Guanabara. *Educação Básica Revista*, Diamantina, v. 2, n. 2, p. 121-130, 2016.

MARANHÃO, Ricardo. O petróleo é nosso. *Revista de Geopolítica*, Natal, v. 8, n. 2, p. 18-31, 2017.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva; RIBEIRO, Maria da Conceição Marcolino; FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. Meio Ambiente e educação ambiental nas escolas públicas. *Âmbito Jurídico*, São Paulo, v. 92, p. 62-72, set. 2011.

MONTEIRO, Aline Guimarães. *Metodologia de avaliação de custos ambientais provocados por vazamento de óleo*: o estudo de caso do complexo REDUC-DTSE. 2003. Tese (Doutorado em Planejamento Energético e Ambiental) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MONTEIRO, Ana Maria; GABRIEL, Carmen Teresa; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Favela, periferia e subúrbio: territórios da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA - ABRALIC, 15., 2017, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2017. v. 2, p. 2506-2514.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel; LIMA, Paula Valim de. Reformas educacionais de hoje: as implicações para a democracia. *Retratos da Escola*, Brasília, DF, v. 11, n. 21, p. 415-432, jul./dez. 2017.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 52.193, de 20 de março de 2023. Dispõe sobre cria as

ARTIGO



Coordenadorias Especiais dos Bairros (Subprefeituras) e reorganiza as áreas de abrangência na forma como menciona, e dá outras providências. *Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2023/5220/52193/decreto-n-52193-2023-altera-o-decreto-rio-n-48610-de-15-de-marco-de-2021-que-cria-as-coordenadorias-especiais-dos-bairros-subprefeituras-e-reorganiza-as-areas-de-abrangencia-na-forma-como-menciona-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SEDREZ, Lise Fernanda. *The Bay of All Beauties: state and environment in Guanabara Bay, Rio de Janeiro, Brazil, 1875-1975*. 2004. Tesis (Doctor of Philosophy) - Stanford University, Stanford, 2004.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 109-131, 2008.

TORRES, Beatriz . Ilha d'Água, ainda intacta, antes da presença da Petrobras. *Ilha Carioca*, Rio de Janeiro, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://ilhacarioca.com/wp-content/uploads/2021/08/Hist%C3%B3ria-insulana-1949.jpg>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TSUZUKI, Sachie. Antes e Durante a Petrobrás: uma linha do tempo sobre a mudança da paisagem da Ilha D'Água. *Prezi*, 18 maio 2016. Disponível em: <https://prezi.com/iay-ohkqvtbt/antes-e-durante-a-petrobras-uma-linha-do-tempo-sobre-a-mudanca-da-paisagem-da-ilha-dagua/>. Acessos em: 16 fev. 2025.

VARGAS, Liliana Angel. Baía de Guanabara: a origem de um belo e conturbado cartão postal do Rio de Janeiro, e um desafio para a educação ambiental. *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 21, p. 93-108, jul./dez. 2008.

Notas

¹Mestre em Educação (UFRJ). Atua em escolas da Educação Básica, pelo Projeto Rio dos Estudantes do Museu Rio Memórias.

